DOM QUINTINO – CENTENÁRIO

PE. AZARIAS SOBREIRA

Gentilmente convidado pelo Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato para ali proferir conferência sôbre Dom Quintino, na sua data secular, não pude atendê-lo; mas rabisquei, a propósito, algumas páginas que vão figurar neste número da Revista do Instituto do Ceará.

Se houvesse anuído ao mencionado apêlo, teria muito que dizer, inspirado na justiça e na gratidão. Animar-me-ia a esperança de poder prestar assim uma derradeira homenagem ao varão insigne, cuja passagem pelo Sul do Estado representa marco inconfundível no processo evolutivo daquela região privilegiada. Gratidão por ter sido êle quem me obteve, dos Capuchinhos do Canindé, lugar gratuito em seu ginásio, possibilitando-me meio de estudar e converter em realidade o meu ardente desejo de ser padre. Com êle vivi, depois de ordenado, dois anos consecutivos, sob o mesmo teto. Dêle recebi inúmeros incentivos para as lides de imprensa, sem referir preciosos conselhos e exemplos de imensa repercussão em tôda a minha romaria pelo vale das lágrimas.

Em 1916, acompanhei-o como seu secretário particular, em suas primeiras visitas pastorais, sempre a seu lado, com êle trocando idéias, observando-lhe os menores atos e palavras, na ânsia de adivinhar-lhe os motivos íntimos que o inspiravam na vida particular e pública. É impossível, por conseguinte, que me caiba alguma autoridade para ocupar-me de sua pessoa, das alturas dêste centenário tão significativamente celebrado em diversas cidades do Nordeste pátrio.

Eu bem poderia seguir a rota geralmente palmilhada por certos ensaístas que dissertam sôbre vultos de projeção, em oportunidades desta natureza. Poderia dividir sua atividade em vários aspectos de

sua existência, como sejam: o menino, o seminarista, o padre, o professor e educador da juventude, o vigário, o bispo, o diretor de consciência, o pioneiro do progresso etc. Mas, para assim proceder, seria forçado a encher longas tiras de papel, correndo o risco de repetir o que outros já disseram.

Para ser breve, limitar-me-ei a focalizar fatos e matizes da individualidade do grande morto que muita gente ainda ignora. Não mediante simples afirmativas apologéticas, e sim através de casos a que assisti e de cuja singela enunciação muito se pode deduzir de sua pessoa. Para tanto usarei o sistema de **flashes**, expondo fatos antes de que discreteando sôbre êles.

Começarei afirmando que a impressão deixada pelo bispo de que ora nos ocupamos, foi a de um homem superior, autêntico paradigma, como caráter idealmente temperado, educador de marcante atuação, guia de consciência dos mais sisudos e equilibrados, compostura impecável, amor à verdade acima de tôdas as conveniências. Direi mais ainda: êle se impôs por uma inteligência esclarecida, domínio de si mesmo, sêde de cultura, empenho de ficar à altura de sua elevada missão, vivendo santamente, edificando a todos por uma vida imaculada. E por que não frisar aqui outra sua característica? Aludo ao fato de ter sido êle, invariàvelmente, um dos raros pregadores do Evangelho no Ceará, que manejava o idioma pátrio com irrestrita vernaculidade, revelando, mesmo sem o pretender, sua familiaridade com os clássicos, afora incomum preparo teológico.

Dom Quintino não era sòmente o sacerdote altamente imbuído da santidade do seu ministério de salvação. Não apenas um varão de invulgares virtudes cívicas e cristãs, que o tornavam mira indisfarçável de seus discípulos e paroquianos. Mais do que tudo, foi um padre eminentemente corajoso até onde a coragem pode alcançar, portador de uma saúde e capacidade de trabalho que pareciam fadá-lo aos cem anos de vida.

Reunamos, a tudo isto, uma perfeita coerência de atitudes, uma grande firmeza de propósitos e de ação, um alto senso de responsabilidade, e tereis um retrato moral daquele que, tendo passado pelo Cariri trinta e nove anos consecutivos em cargos de relêvo, plasmou ali o caráter de gerações. E acrescentarei sem mêdo de contestação: contribuiu decisivamente para fortalecer as invejáveis virtualidades da família cratense.

* * *

No setor paroquial, vale a pena ressaltar a conduta do Padre Quintino, ao menos na **via crucis** que representava a assistência aos moribundos. Em face das conquistas modernas em matéria de trans-

porte e combate às endemias que dizimavam as nossas populações rurais, até 1918 inteiramente ao léu da sorte, dificilmente se pode fazer uma idéia do martírio que era, para os vigários do Cariri, o atendimento aos enfermos do campo.

Em certas fases do ano, apenas tomado o café da manhã, o herói desta centúria encontrava, em frente à casa paroquial, duas, quatro, seis **conduções** que iam buscá-lo a fim de sacramentar doentes, às vêzes em paragens opostas e distantes. E note-se que até 1916 Juàzeiro do Norte fazia parte da freguesia do Crato, sobrecarregando-lhe o ônus pastoral. E era de ver como o solícito ministro de Deus, não obstante seus noventa quilos de pêso, acolhia e dava cumprimento a tão espinhosas obrigações. Quem jamais lhe viu um ar de enfado? Quem lhe ouviu uma queixa ou comentário menos caridoso relativamente aos beiradeiros que iam chamá-lo, ou aos tugúrios infectos aonde o dever freqüentemente o conduzia? Quando os chamados eram numerosos, o bom samaritano adotava uma tática ideal: montando uma das cavalgaduras que se destinasse a um sítio mais próximo dos outros destinos, dava ordem para que as outras o fôssem esperar adiante, no local da parada e donde prosseguisse viagem, ganhando tempo. E tudo dava certo no fim, mesmo sem pôr-se a galope, sem puxar pelos pobres animais, tudo sinetado pela moderação e bom humor.

E, por mais que isto pareça impraticável, o Padre Quintino ainda descobria lazer para a leitura atenta dos jornais do Rio e de Fortaleza, ainda dava aulas a rapazes pobres mas seletos, ainda tinha substância para suas prédicas e palestras, tanto quanto boa sombra para quantos o iam procurar.

E que dizer do esfôrço requerido, na cidade, para a distribuição do Viático aos enfermos daquelas eras? Alcancei tempo em que êsse sacramento da Igreja era conduzido processionalmente, a cada lar onde jazessem doentes reclamando assistência religiosa. Tocava o sino, sempre à tardinha, convidando os irmãos do Santíssimo, que logo acudiam envergando suas opas; uma vez acesas suas tochas, marchavam em filas, seguidos do sacerdote que avultava debaixo da umbela. Orientando o cortejo, o sacristão fazia soar, pausadamente, a campainha, ensejo em que dezenas de homens se lhe incorporavam, rendendo homenagem ao Deus do tabernáculo.

Aqui, acolá, ouvia-se alguém mais espirituoso alertando os distraídos: "Ajoelha, gente. Lá vem Nosso Pai." Nosso Pai era Jesus Sacramentado. Hoje em dia a mesma expressão já quer dizer "bispo diocesano", na linguagem clerical do Nordeste. Segredos da Semântica que todo bom aluno de ginásio já sabe interpretar.

Se ao menos as ruas de antanho fôssem limpas como as da atualidade! Se as casas dos pobres já fôssem altas e de bom piso! Mas a pobreza daquela época era a derradeira expressão do descon-

fôrto: casebres de barro batido, tão baixos às vêzes que, para nêles entrar, o padre precisava dobrar-se sôbre si, sob pena de bater com a cabeça no varame do teto. Entretanto, o Vigário Quintino ia, impreterivelmente, a tôdas as casas aonde o chamavam. Não só isto. Ia com o bom humor e a majestade de quem exercia a mais sublime das missões, sem qualquer gesto de desconsôlo, inclusive quando a estrada oferecia lama ou buracos, ocasionando topadas. Ou ainda quando, nos tugúrios visitados, o mau odor era por demais sensível. Recordo-me de, em menino, o ter acompanhado nessas ásperas romarias, que parecia não terem fim, pois as residências onde havia enfermos se contavam por três, seis ou mais.

De volta à Matriz, sempre no mais religioso silêncio, só interrompido pelo cadenciado tinir da campainha, todos recebiam a bênção do SS. Sacramento para depois se dispersarem. E era um encanto, por ocasião da bênção, observar a nobre compostura do futuro bispo, ouvindo-lhe a voz argentina, altamente melodiosa, que sempre lhe foi um dote invulgar.

* * *

Peço vênia para agora exibir uma correspondência há poucos dias recebida do Monsenhor Silvano de Sousa, jóia incontestável do Clero cearense e antigo aluno do Padre Quintino, nos saudosos tempos de sua reitoria no Seminário do Crato. Assim fazendo, movem-me dois objetivos: reforçar minhas considerações com um testemunho ocular de primeira ordem e render merecida homenagem ao douto e venerado missivista. Eis-lhe a inculcada epístola:

"Logo que terminou, em Fortaleza, seu curso de formação eclesiástica, recebeu Quintino a ordem do Presbiterato das mãos do segundo Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, no dia 19 de junho de 1887. Pouco depois, foi nomeado Cooperador do Vigário de Missão Velha, Padre Félix Arneau Formiga, que a êsse tempo recebeu carta do referido Diocesano, dizendo-lhe: "Envio-lhe, para seu coadjutor, um anjo, pérola do meu seminário." O nôvo cooperador foi morar em Jamacaru, principal povoado da freguesia de Missão Velha, e de lá foi transferido, dois anos depois, para o Crato, com a honrosa nomeação de Reitor do Seminário.

"A ação do Padre Quintino, na Reitoria e no professorado daquela casa de educação, elevou o nível cultural do conceituado instituto e firmou, por forma auspiciosa, a vocação de muitos seminaristas. Professor de elevado senso pedagógico, educador provecto e seguro em sua orientação, não cedia a considerações humanas diante dos princípios basilares de sua conduta na formação moral de seus educandos. Logo no início das aulas, constituiu-se a banca de exames vestibulares. Dos candidatos que se apresentaram, o nôvo

reitor só permitiu passar a metade. Recordo-me bem de Almir Madeira, Temistocles de Araújo e Francisco S. de Sousa.

"O Padre Quintino teve a satisfação de ver suas atividades no Seminário, coroadas de pleno êxito, para não dizer abundantes e sazonados frutos. Diversos padres que depois evangelizaram os sertões nordestinos receberam dêle a compreensão e impulso para o feliz exercício de sua obra missionária. E não foram poucos êsses sacerdotes marcados, com o sêlo intelectual, moral e ascético adquirido no Seminário do Crato; melhor diria: no reitorado do inolvidável **homo Dei** que era o Padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva. A influência salutar dêsse clero ainda persiste nas freguesias por onde passaram sacerdotes formados por êle. As luzes de seu espírito de escol e as virtudes sobrenaturais que o ornamentavam imprimiram, por forma impressionante, em seus alunos uma alta concepção do apostolado leigo e especialmente missionário, para o resto da existência.

"Quando o Sr. Dom. Joaquim José Vieira teve de fechar o Seminário do Crato em 1897, por falta de pessoal docente, o Padre Quintino, com ligeiro intervalo, foi nomeado vigário daquela cidade, a mais importante paróquia da populosa região do Cariri.

"Mais tarde, viu-se preconizado bispo de Teresina, função que não se atreveu a aceitar. Criada, anos depois, a Diocese do Crato, não havia mais dúvida: o bispo tinha de ser o ilustre e respeitado filho de Quixeramobim. As razões por êle alegadas contra sua ida para Teresina se tornavam insubsistentes, em se tratando do Crato; e assim só lhe restava empunhar o báculo que outra vez lhe era oferecido pela Santa Sé. Sua sagração se verificou na Bahia no dia 31 de outubro de 1915, exatamente a data de seu nascimento. Contava então 52 anos. Ao novel antistite abria-se assim um nôvo e promissor campo de operações.

"Empossado num cargo de tão gigantesca responsabilidade; suas vistas voltaram-se, antes de tudo, para o setor da educação. Com grande objetividade, sentiu logo o que mais carecia a jovem diocese; o tratou, imediatamente, de realizar as obras que lhe pareciam mais importantes e cuja efetivação estivesse ao alcance dos minguados meios de que podia dispor. Preocupou-se com a juventude masculina e para ela abriu, sem perda de tempo, o Colégio Diocesano e o Seminário, um ao lado do outro.

"Para cuidar da juventude feminina, depois de haver, debalde, batido às portas de duas congregações religiosas em Recife, obteve da Santa Sé a devida aprovoção e lançou os fundamentos da Congregação das Filhas de Santa Teresa, obra que já se impôs no setor educacional e é esplêndida realidade. De seus colégios disseminados pelo Nordeste têm saído, de 1929 para cá, centenares de professôres e mães de família de boa felpa."

* * *

Até aqui a epístola de Mons. Silvano de Sousa.

Sempre fêz parte de meu programa de vida apreciar os homens sob o ângulo luminoso e também sob o ângulo sombrio. Se até no sol se descobrem manchas, como não havê-las no caráter humano, soma que é da luz do espírito e da treva do barro de que saímos? Dom Quintino não poderia escapar às leis que regem a humanidade. Tinha, portanto, a par de grandes predicados e virtudes que jamais cessou de cultivar com afã, talvez por fôrça do longo exercício da autoridade, uma grande ojeriza a ceder de seus pontos de vista.

Para ilustrar esta observação, referirei dois ou três casos de que fui testemunha ocular. Durante o mês de junho de 1929, ano fatídico de sua morte, S. Exa. se encontrava na capital do Estado, tratando de negócios de sua diocese e, notadamente, da própria saúde comprometida pela diabetes que o vitimou e cuja gravidade só bem tardiamente percebeu. Detentor de um organismo dos mais resistentes, pode se dizer que a única séria enfermidade que sofreu foi essa última.

Já estava marcado o dia de seu regresso ao Crato quando, procedente do Rio, foi visitá-lo aureolado nacionalista cratense que se chamou Álvaro Bomílcar. Conheciam-se de antiga data. Bomílcar trazia um objetivo: obter do Bispo do Crato que desistisse de pleitear, como vinha fazendo, a entrega da casa onde no Rio tinha morado a educadora Donana Bilhar, casa que por testamento deixara para a Diocese do Crato, seu torrão natal, ressalvados os direitos de sua sobrinha Branca Bilhar, para quem tinha deixado o usufruto do aludido imóvel. Sucedera, porém, o imprevisto: Branca, a usufrutuária, morreu logo, parecendo ter cessado o impedimento legal a que Dom Quintino, em nome da Diocese, entrasse imediatamente no gôzo do legado, no valor de oitenta a cem contos de réis. À primeira vista, nada mais justo do que a pretensão do Prelado. Entretanto, Donana Bilhar possuía consigo uma irmã mais velha e doente, Epifânia, que lhe estava sobrevivendo, a ela mesma e também a sua sobrinha já mencionada. E era lógico admitir que a intenção da doadora, ao fazer Branca a usufrutuária do prédio onde moravam, fôssem acautelar, igualmente, a velha irmã, de cuja assistência e confôrto a sobrinha jamais se descuidaria. Dom Quintino, no entanto, resistiu, sereno mas inflexível, a tôdas as razões invocadas por Álvaro Bomílcar. Resultado: a causa de Epifânia foi julgada favoràvelmente a ela pela justiça do Rio. Epifânia continuou residindo nela até o fim da vida e... o advogado com a justiça absorveu grande parte do valor monetário da casa!

Houve outra oportunidade em que tive a impressão de aquela imensa fôrça de vontade estar desfalecendo. Porque Dom Quintino parecia exercer sôbre a natureza física um império incomum, espécie de super-homem. Deu-se o caso na derradeira visita pastoral em que o acompanhei. Depois de um veemente sermão pregado por êle, disse-me, já em casa, naquele seu tom característico: "Retire os cigarros e charutos que há em meu quarto e dê a outras pessoas. Não tenho o direito de continuar fumando, pois é um vício. Devo dar êste bom exemplo."

Não sem pesar, executei a ordem recebida. Meses mais tarde, porém, de regresso ao Crato, Dom Quintino chamou Zacarias Arneau, seu antigo sacristão, e o incumbiu de comprar um maço de cigarros... Um nonada, dir-se-á; mas, numa figura de tamanha projeção no mundo moral, essa capitulação significava condescendência com os imperativos do hábito.

Em 1929, presenciei outro caso parecido a êste. Numa roda de padres, presidida por êle e por Monsenhor Tabosa, conversava-se animosamente quando um jovem padre do Crato entrou na palestra e deu opinião contrária ao que tinha então a palavra. Dom Quintino, arrepiando seus hábitos de mansidão, mandou que o padre se calasse, alegando que era o mais jovem da roda... A coisa surpreendeu, como bem se pode presumir. Minutos depois a roda se dispersava melancòlicamente. Pois não é que Dom Quintino saiu de seus aposentos, um pouco depois, para ir ao quarto do sacerdote repreendido e demorar-se com êste em amistosa palestra? Disto fui testemunha e descobri naquilo um sinal inequívoco de quem aprendeu a vencer-se destruindo o mal com o bem.

* * *

Em 1918(?), S. Exa. promoveu umas santas missões em Juàzeiro do Norte, onde não as havia desde 1904, se não levarmos em conta a visita pastoral de 1916. Para garantir-lhe pleno êxito, confiou-as a três seletos padres lazaristas, à frente dos quais o Padre Guilherme Vaessen, de santa e saudosa memória, que estava no apogeu do ardor apostólico. Foi um acontecimento local de alto relêvo, seja pelo elevado teor evangélico que o revestiu, seja pela imensa ressonância que veio ter nos destinos espirituais daquela coletividade, onde o zêlo pela Religião do Crucificado atingia as raias do fanatismo.

O Padre Cícero, à vista do bem que então se operava, não conseguia esconder o próprio contentamento, contribuindo, assim, com seu imenso prestígio perante as massas, para o maior rendimento da obra missionária.

No fim, o Diocesano até lá se transportou, mesmo a fim de administrar a crisma a perto de três mil pessoas; e, em demorada pa-

lestra com o Patriarca, fêz-lhe ver que a hora era propícia a um seu reajustamento canônico com a Santa Sé. Pelo menos, dali poderia resultar para êste último o consôlo de recuperar o exercício parcial de seu sacerdócio, celebrando diàriamente a sua missa, em vez de a ela continuar assistindo, como um simples leigo, segundo vinha fazendo desde anos.

Para lá chegar, prontificou-se a escrever dez quesitos a que o referido sacerdote responderia também por escrito; e, se as respostas satisfizessem e do alto do púlpito fôssem lidas pelo mesmo, para a multidão reunida na praça, fácil se lhe tornaria a mercê ambicionada. Escusado é dizer que o Patriarca a tudo anuiu, embora sem entusiasmo; e a mim, a quem o Diocesano incumbira de assisti-lo na redação de tal manuscrito, êle dizia e repetia enquanto ia escrevendo: "De qualquer forma, eu quero mostrar a Dom Quintino que não me faltava boa vontade."

Desde que foram feitas, alto e bom som, as inculcadas declarações, que valiam por uma confissão pública, o Sr. Bispo deu-se por satisfeito e a seguir concedeu-lhe a prometida autorização. Recusou-lhe, entretanto, por medida de prudência, a faculdade de distribuir a Sagrada Comunhão, fôsse a quem fôsse. Como também continuou proibindo-o de fazer o sinal-da-cruz sôbre rosários, registros e medalhas com o fito de benzê-los para o uso dos fiéis; e ainda de atender, sob qualquer pretexto, confissões de moribundos, alegando o perigo de absolver também a fingidos enfermos. Em alto relêvo impôs, como condição **sine qua non**, não aceitasse mais em sua residência quem o fôsse procurar, enxergando nêle prerrogativas de santidade, como se os **milagres** ditos do Juàzeiro fôssem reais e não efeito de mistificação.

Ora, as condições impostas eram quase impraticáveis, em se tratando de um padre de setenta e seis anos, espírito eminentemente acolhedor, afora político militante, sobretudo porque àquela terrinha afluía, diàriamente, oriundos dos sertões circunvizinhos, nada menos de quinhentos romeiros. Era gente humilde mas de coração reto na sua maioria e que, tendo pago suas promessas à Padroeira da cidade, iam pedir bênçãos e conselhos ao Patriarca. Realmente, como estabelecer a seleção exigida entre cérebros primitivos e desconfiados por índole?

Mesmo assim o velho sacerdote aceitou as novas determinações. No empenho de obedecer, logo depois da missa trancava-se em casa, enquanto se ia avolumando, em frente dela, a turba dos que desejavam vê-lo.

E depois? Premido pelo clamor que se generalizava, duas semanas mais tarde foi abrindo exceções ao dispositivo episcopal, não sem deplorar a própria sorte de ver-se constrangido a proce-

der por tal forma. Em contrapartida, Dom Quintino não hesitou: na primeira petição a êle enviada pelo Padre Cícero, petição em que lhe suplicava licença para ser padrinho de crianças, S. Exa. depois de lha ter negado, acrescentou, no mesmo despacho, que, em vista de já não estarem sendo cumpridos os dispositivos acima citados, **ipso facto** ficava-lhe sem efeito a autorização para dizer missa!

Significava aquilo uma muralha a mais para solução do caso religioso de Juàzeiro que já vinha rolando desde 1894. Mas era dêste feitio o caráter do impertérrito Pastor. Era assim que êle entendia salvaguardar, como dever de ofício, os sagrados interêsses da fé e da disciplina. E ainda que tão corajosa atitude lhe acarretasse a morte imediata, jamais sua mão tremeria ao dar semelhante despacho.

Feitas as devidas exceções, era de igual estôfo a mentalidade dominante no setor eclesiástico e também no civil. Para comprovação, haja vista a bárbara sangueira com que a primeira República arrasou Canudos, no sertão da Bahia. Atualmente, em face das clareiras abertas no mundo religioso e profano pelo imortal Papa João XXIII, estou certo de que outros teriam sido os caminhos trilhados pelo saudoso filho de Quixeramobim relativamente ao enigmático e ainda incompreendido capelão de Juàzeiro do Norte.

Quem sabe? Se, em lugar de haver adotado tais medidas, se tivesse inspirado na doçura característica do Bispo de Genebra, talvez todo o tormentoso impasse caísse por terra de maneira a mais auspiciosa. É que, conquistado o coração do Padre Cícero, só no céu poderemos saber o eco de tal benignidade sôbre centenas de milhares de brasileiros interioranos, para quem o velho sacerdote era a encarnação da bondade, da sabedoria e da verdade consubstanciada no Evangelho.

* * *

Em 1915, o Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes, de imperecível memória, confrangido pelo abandono a que eram jogados os nossos irmãos do interior, naquele tremendo **salve-se quem puder,** tomou um navio e abalou para os Estados ricos do Sul, onde saiu pedindo esmolas para os cearenses que, aos milhares, morriam de doença e de fome. Muitos dêles, no derradeiro arranco, emigravam para Fortaleza, que ainda era uma cidade de seus oitenta mil habitantes. No atual bairro do Benfica, em vez da casaria elegante que se estende em tôdas as direções, o que se via, em meio a dezenas de chácaras metidas num areal sem fim, eram caatingas

pontilhadas de cajueiros nativos. Por baixo dessa vegetação de pouco agasalho, armavam suas tendas os desventurados retirantes, na mais confrangedora promiscuidade, contando tão-sòmente com a caridade pública. E pode-se avaliar o foco de miasmas que aquilo ficava sendo, abrindo as portas a tôda sorte de enfermidades. Era um espetáculo emocionante e sombrio.

Pois bem. Da peregrinação do Arcebispo pelo Sul, coube à novel Diocese do Crato uma percentagem de perto de sessenta contos de réis que, como era natural, foram postos aos cuidados e critério de Monsenhor Quintino. Que fazer então, se eram imensas as necessidades e tão minguados os recursos recebidos? O antigo educador mediu os prós e os contras e deliberou inverter parte da aludida quantia em urgentes reparos de que estava carecendo o edifício do Seminário, a única casa de educação existente em tôda a populosa zona do Cariri. Fechado desde 1911, o prédio estava ficando imprestável e aqui, ali, ameaçando ruína. Destarte oferecia ganha-pão a muitos pais de família e providenciava a reabertura do benemérito instituto. Nada mais justo, portanto. Aconteceu, porém, que muita gente **society** torceu o nariz e protestou, em rodas de calçada, contra a sobredita iniciativa do seu antigo Vigário. Um cidadão houve que chegou a dizer categórico: "O Padre Quintino é um ladrão." Todo mundo comentou aquelas palavras, menos o Diocesano. Logo depois estive morando com êle e posso garantir que nem uma só vez Sua Excelência teve, para com os seus detratores, inclusive aquêle, a menor expressão de desaprêço. Dir-se-ia que descobrisse, nas hostilidades de que era alvo, preciosas oportunidades de exercitar, até o heroísmo, o divino preceito do amor ao próximo.

* * *

Permita-se-me focalizar uma facêta do saudoso Bispo que melhor caberia um pouco atrás. Quero falar do pregador evangélico que êle foi em algumas visitas pastorais, ocasião em que revelava, vez por outra, em todo o seu esplendor, seus dotes invulgares de orador das multidões.

Só os que o tenham escutado em memoráveis noites de pregação ao ar livre, especialmente em terras carecidas de particular amanho, foram capazes de sentir a magnitude atingida pelo seu apostolado da palavra. O tempo passava sem que a maioria dos ouvintes o percebessem, dando sinais de enfado, ainda quando o desenrolar do assunto ia chocar-se com preconceitos e pontos de vista geralmente aninhados no coração do auditório.

Em Mauriti, em noites de luar, Dom Quintino tomou por tema os males decorrentes do cangaceirismo, ali em vigor desde priscas

eras e com foros de fatalidade social sem remédio. A grande praça se encontrava repleta de fiéis, a ouvi-lo no maior silêncio. A umas tantas, Mons. Joviniano Barreto, um dos pregadores da missão, puxou pela orla a batina do Prelado e lhe fêz ver que já fazia três horas que começara a pregar. Dom Quintino prometeu encerrar logo, mas só terminou vinte minutos depois... E estava sempre senhor de si e do assunto, sem um pigarro na voz possante.

Em Juàzeiro do Norte, por exemplo, as pessoas de algum preparo que o ouviam nos sermões da noite não escondiam o próprio pasmo, mal podendo reconhecer, no orador que lhes falava, o antigo Vigário da freguesia, até dois anos antes. Nem mesmo o caudilho Floro Bartolomeu pôde escapar ao influxo dessa admiração, por mais que lhe fôsse interessante subestimar o nôvo Pastor da Diocese. Ia impreterìvelmente, noite após noite, ouvir-lhe as grandíloquas exposições da doutrina católica; e sigilosamente afinava-se com seus familiares no alto conceito a que Dom Quintino se elevava naqueles dias. E quando, finda a visita pastoral, numa gentileza que bem o define, o Padre Cícero entendeu de oferecer um almôço, na própria residência, ao hierarca ali presente, Floro Bartolomeu de boa mente se prontificou a preparar os quitutes do banquete, artigo em que era mestre.

Nesse seu proceder, vislumbro uma homenagem que êle achou por bem prestar ao homem de Deus que acabara de agigantar-se no árduo desempenho do seu múnus pastoral.

De passagem se acentue, num como parêntese, que, fugindo a seus hábitos de improvisador, o Patriarca leu, à sobremesa, um discursozinho de saudação ao qual S. Exa. respondeu, medindo as palavras, é certo, mas em igual tom de cordialidade. Dez padres diocesanos tomaram parte naquele ágape.

* * *

Devo ao Desembargador Cursino Belém o impulso que me animou a escrever para "O Nordeste" uma dúzia de artigos sôbre o grande morto, artigos que, mais tarde enfeixados em volume, deram o meu primeiro ensaio biográfico. Eis os têrmos em que me veio às mãos o mencionado apêlo: "Saia logo pela imprensa dando suas impressões sôbre Dom Quintino, antes que algum aventureiro estrague o assunto."

Relendo as páginas do livrinho em tela, descubro ali muita imperfeição; mas era quanto àquele tempo eu poderia dar, até porque minha saúde andava por um tris: sem aptidão para qualquer esfôrço, desmemoriado e convicto de que em breve fecharia também os olhos à vida terrena.

Vale a pena salientar que o futuro Bispo do Crato nasceu, como o Santo Padre João XXIII, de lar modestíssimo e paupérrimo. Seu genitor exercia a humilde profissão de vaqueiro e morava numa fazendola perdida no sertão de Quixeramobim. Convidado pelo meu saudoso amigo Francisco Assis de Sousa, nascido também ali e ali falecido com noventa anos, visitei, há bom tempo, as ruínas da casa de taipa onde Dom Quintino veio ao mundo. Um genuíno degrêdo, marcado pela rudeza e pelo prosaísmo do meio geográfico. E fiquei pensando no que êle teria sido, dotado como era de tantos predicados, se lhe tivesse a Providência proporcionado, conforme sucedeu a Ângelo José Roncalli, meios de percorrer centros de requintada civilização e passar anos da juventude trocando idéias com expoentes da cultura católica. Não hesito em crer que houvesse atingido postos de muito maior relêvo, onde quer que exercesse suas funções de soldado de Cristo.

Que teriam sido Alexandrino de Alencar e Capistrano de Abreu se, em vez de emigrarem, ainda jovens, para o Rio, tivessem permanecido no Ceará? O que valeu a Quintino Rodrigues foi a grandeza d'alma de seus padrinhos de batismo, residentes na sede do Município, que o tomaram a seus próprios cuidados e lhe deram tôda a estima e instrução que suas posses comportavam.

Uma vez ordenado, consoante já se disse, Dom Joaquim José Vieira fê-lo seguir para Missão Velha com a provisão de coadjutor daquela paróquia onde, alquebrado pelos anos, já não podia sòzinho com o labor paroquial o Vigário Félix Aurélio Arnaud Formiga. Foram anos altamente proveitosos para o neo-sacerdote os dois que viveu sob a batuta daquele cura d'almas, tido e havido como exemplar de homem do Evangelho. Dali, a necessidade de um professor competente no Seminário do Crato determinou-lhe a transferência para esta última cidade, onde foi tudo: reitor, mestre da juventude, pároco local, vigário forâneo do Cariri, bispo diocesano.

Segundo se depreende do exposto, foi no Crato que o ilustre filho de Quixeramobim passou quase tôda a vida pública, ou sejam 37 dos seus 42 anos de sacerdócio. E nada se perde em repetir haver sido o ambiente sócio-religioso daquela cidade, uma das mais salientes do **hinterland** brasileiro, que lhe apurou as naturais aptidões; mas foi êle também, com os dotes incomuns do seu formoso caráter, com sua tenacidade impressionante, quem mais contribuiu para que a sociedade cratense se revelasse pioneira de bem entendido progresso, num invejável nível de cultura.

Já fiz sentir, em "O Primeiro Bispo do Crato", quanto o Sr. Bispo tinha pejo de falar de si próprio, máxime de tudo que pudesse dar dêle a impressão de homem superior que sempre foi. Um exemplo ao acaso. Nos seus primeiros tempos de pároco, por motivo

irrisório, certo rapaz da terra, com tio de grande projeção, entendeu de afrontar o Padre Quintino. Neste propósito montou a cavalo e ficou esquipando pela Praça da Matriz. Indo e vindo, de cada vez subia a calçada da casa paroquial e acintosamente roçava, com as esporas, as janelas do edifício. O fato provocou indignação, mas o Padre sistemàticamente se absteve de fazer-lhe qualquer comentário. Anos mais tarde, em 1918, eu era secretário do Bispado, residia com êle e testemunhei o fato seguinte: caído em indigência, o afrontador de outrora procurou o Prelado e lhe pediu três mil cruzeiros emprestados. S. Exa. o acolheu paternalmente, como de praxe; mas nem de leve falou a vivalma do desabafo que o imprevisto daquela visita significava para seu coração de pastor!

* * *

Quando a Santa Sé o convidou para reger a Diocese do Piauí, respondeu negativamente, não sem haver ouvido o parecer de Mons. Salviano Pinto Brandão, respeitável cura de sua terra natal e estranhamente infenso a altos postos de comando. Que terá alegado para a recusa? "Que era um padre sem família e, por conseguinte, de origem sobremodo humilde... E que era um ignorante". Isto mesmo ouvi de seus próprios lábios.

Nomeado para a freguesia de Iguatu, para lá seguiu prontamente. Mal, porém, se empossara no nôvo cargo, escreveu ao Diocesano pedindo licença para deixar o Ceará. Queria ir trabalhar em Manaus. Era franco indício de não estar satisfeito com o seu afastamento do Sul do Estado. Eis a resposta honrosíssima que lhe mandou Dom Joaquim: "Não é a padres do seu estôfo que se dá autorização para abandonar a Diocese." E na primeira oportunidade lavrou-lhe a portaria que o arvorava em Vigário do Crato, onde a geração hodierna rende-lhe à memória a merecida glorificação.

Sacerdote visceralmente compenetrado do seu papel de embaixador de Cristo, amou discretamente a pobreza, viveu sempre pobre, embora com esmerada decência, e pobre mergulhou na eternidade.

Sabedor dêsse irrestrito desprendimento, Mons. Joviniano Barreto, nos dilatados anos que serviu na Secretaria do Bispado, adotou a feliz iniciativa de subtrair algumas centenas de mil réis nas prestações de contas ao Diocesano, que não contava dinheiro entregue por padre da Diocese. Que resultava de uma tal sonegação? Quando Dom Quintino tinha de viajar, êle, que não guardava a menor reserva, o previdente secretário punha-lhe nas mãos as mencionadas economias, invariàvelmente aceitas como dádivas do céu!

E só debaixo dêste aspecto se pode avaliar quanto a cooperação de Mons. Joviniano lhe foi útil e até providencial.

Durante a prolongada moléstia que o levou ao túmulo, houve um dia em que o enfêrmo, proverbialmente superior aos contratempos da vida, pareceu dobrar-se a êles, num gesto de caracterizado desalento. Foi quando, já perto da morte, rogou que lhe ficassem balançando a rêde, na esperança de ver minoradas as próprias dores. Tinha o pé traspassado, de alto a baixo, por três temerosas chagas, e bem se pode calcular o seu desgaste físico e moral. Pois não é que um dos armadores da rêde se arranca e o despeja violentamente no piso de tijolo! Naquele momento lhe saiu da bôca uma exclamação nunca pressentida: "Monsenhor Lima, me conforte!"

Verificado o óbito, a Mitra Diocesana não dispunha de recursos com que cobrir-lhe as despesas do sepultamento, razão pela qual o inesquecível cratense que se chamou José Gonçalves, tio legítimo do atual Senador Wilson Gonçalves, abriu uma subscrição e saiu angariando esmolas para enterrar o grande Bispo, glória perene da elevação moral a que pode chegar um filho de Eva! Tamanha era a pobreza do Bispo que ainda residia na mesma casa de seis portas de frente onde vivera 27 anos e pertencente ao milionário José Rodrigues Monteiro, a quem pagava trinta mil réis de aluguel por mês.

No instante da despedida no cemitério, um meu conterrâneo residente no Rio emocionou-se ante aquêle quadro e discursou exprimindo a dor da família cratense e do Cariri, perdendo um dos seus maiores guias espirituais. Refiro-me ao saudoso Xavier de Oliveira, autor de "Beatos e Cangaceiros" e irmão da respeitável educadora Amália Xavier.

A Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, ao transcurso dêste centenário, eu saúdo e reverencio.